

O trabalho pedagógico com crianças de até três anos, **de Alessandra Arce (Org.)**

Campinas: Alínea, 2014. 168 p.

Ligia de Carvalho Abões Vercelli

Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Nove de Julho (Uninove).
Professora do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE/Uninove).
ligia@uninove.br

Desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, Lei n.º 9.394/96), que determinou a educação infantil como a primeira etapa da educação básica, observa-se, no cenário educacional, cada vez mais, um aumento de pesquisas e de publicações realizadas a respeito desse nível de ensino. No entanto, os resultados revelam uma fragilidade na formação inicial e continuada de professores de crianças pequenas, a dicotomia entre o cuidar e o educar, assim como uma preocupação com a escolarização em detrimento do brincar, atividade primordial para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças de 0 a 5 anos. Esse fato torna-se mais preocupante quando se pesquisa a creche, ou seja, crianças de 0 a 3 anos e que deveriam, a princípio, ser estimuladas nos diferentes aspectos, tendo a ludicidade como principal instrumento.

Pautando-se nessas preocupações, e em defesa de que o ensinar e o educar devem ser entendidos como categorias indissociáveis e que a racionalidade técnica deve dar espaço à razão crítico-reflexiva, é que a obra *O trabalho pedagógico com crianças de até três anos*, de Alessandra Arce (Org.), nos chama atenção, uma vez que suas preocupações vêm ao encontro das nossas.

Vale lembrar que essa obra dá continuidade ao livro intitulado *Ensinando aos pequenos: de zero a três anos*, publicado em 2009 e organizado juntamente com Lígia Márcia Martins, cujo objetivo era evidenciar o ensino como necessário e não como maléfico ao se pensar no trabalho com crianças pequeninas. Na obra em questão, as autoras focaram no desenvolvimento infantil e nas possibilidades de ensinar as crianças respeitando sua faixa etária; para isso, utilizaram-se das contribuições da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica.

Em *O trabalho pedagógico com crianças de até três anos*, Arce amplia o leque de possibilidades do trabalho pedagógico e convida autores de diferentes áreas do conhecimento que têm trabalhado com crianças de até três anos utilizando as mesmas contribuições teóricas.

O livro está dividido em sete capítulos, sendo que os seis primeiros discorrem sobre os diferentes eixos curriculares propostos pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998)¹, a saber: linguagem oral e escrita, matemática, natureza e sociedade, movimento, música.

Os autores discutem e apresentam ferramentas teóricas e didático-metodológicas para o trabalho em sala de aula, porém de forma fragmentada uma vez que os capítulos não conversam entre si, ou seja, os eixos são abordados sem que se estabeleça uma relação interdisciplinar entre eles. O sétimo capítulo, apesar de abordar uma temática muito importante voltada à prevenção da violência contra crianças pequenas e a atuação dos profissionais da educação, foge da proposta dos demais capítulos. Essas críticas não tiram o mérito da publicação, pois as autoras, além de se apoiar em referenciais teóricos importantes, abordam aspectos ainda pouco discutidos no que se refere à prática pedagógica com crianças pequenas.

O capítulo inicial intitulado *A arte de contar histórias na sala de aula: do didatismo ao encantamento*, de Belissa do Pinho Jambersi, provoca-nos a pensar que contar histórias para crianças pequenas possibilita ensiná-las o prazer pela arte e pela preservação da cultura brasileira. Apresenta-nos os fundamentos estéticos, o corpo, o olhar e a voz do contador de histórias. Nesse sentido, a autora aponta que “O êxito de uma história encontra-se no momento da narrativa e depende do equilíbrio entre o que é falado e o que é expresso em movimentos e gestos” (p. 23-24). Além disso, reportando-se a Sisto² (2005, p. 122-124), a autora apresenta um resumo de alguns cuidados que o contador de histórias deve ter, além de oferecer uma lista de sugestões de histórias e instruções para se trabalhar na educação infantil de acordo com a faixa etária. Termina o capítulo ofertando bibliografias sobre contos populares e contos literários.

O capítulo *O ensino da linguagem escrita na creche: algumas reflexões sobre a mediação docente*, escrito por Ana Carolina Perrusi Brandão e Ester Calland de Souza Rosa, aborda uma temática que tem sido o “calcanhar de Aquiles” na educação infantil e pouco discutida que é a alfabetização

e o letramento. Alfabetizar crianças de 0 a 3 anos? Isso é possível? Nesse sentido, as autoras partem da constatação de que crianças na mais tenra infância demonstram interesse pela linguagem escrita e apresentam o que tem sido proposto aos professores de crianças pequenas no que se refere à temática. Trazem resultados de pesquisas realizadas por outros estudiosos do tema, relatos de professores e uma síntese da análise realizada das Propostas Curriculares para a Educação Infantil de capitais como Natal (2008), Belo Horizonte (2009) e São Paulo (2007). Dessa forma, as autoras nos oferecem possibilidades de compreender que é possível trabalhar com a leitura e com a escrita do zero aos três anos de forma lúdica, ao mesmo tempo que apresentam sugestões de atividades.

Maria do Carmo de Souza, no terceiro capítulo intitulado *A linguagem matemática e a criança pequena*, aponta como é possível envolver a criança pequena no mundo da matemática por meio de atividades do cotidiano. Traz exemplos de possíveis trabalhos e caminhos metodológicos que permitem que os pequeninos compreendam e conheçam o mundo ao mesmo tempo em que aprendem matemática. Para tal, utiliza-se da brincadeira como principal recurso a partir da perspectiva histórico-cultural. A autora defende que:

[...] a construção da linguagem matemática de crianças, especialmente aquelas na faixa de zero a três anos deve ter certa intencionalidade, não se restringindo, apenas, ao aspecto da manipulação de objetos. Há de se criarem atividades orientadoras, na forma de brincadeiras que permitam com que as crianças indiquem os juízos que estão construindo sobre o mundo que as cerca [...]. (p. 61).

A autora termina o capítulo apresentando como desenvolver oficinas matemáticas com o uso de argila e de sombras.

No capítulo intitulado *Ensinar ciências aos pequeninos: a ampliação dos horizontes da criança na descoberta de si e do mundo*, Débora A. S. M. da Silva e Alessandra Arce ressaltam a importância que o ensino das ciências possui para o desenvolvimento integral da criança e apresentam materiais, além de apontar caminhos didático-metodológicos para quem busca trabalhar com os pequeninos. Salientam que “[...] o ensino de ciência na

Educação Infantil significa dar o suporte necessário e adequado para que a criança, ao longo de seu desenvolvimento, seja capaz de elaborar, criar e transformar o material que lhe é oferecido” (p. 100). Terminam o capítulo apresentando sugestões de bibliografias e *sites* sobre os cinco sentidos, a metamorfose da borboleta, porém enfatizam que eles devem ser adaptados às diferentes faixas etárias.

Em *Motricidade infantil dos zero aos três anos: fundamentos para uma orientação pedagógica*, as autoras Paula H. Lobo da Costa e Juliana Cesana apresentam a importância de se trabalhar a motricidade para o desenvolvimento de crianças pequenas e como realizá-lo. Costa e Cesana fazem um alerta apontando resultados ruins no desenvolvimento da criança, principalmente nas escolas públicas, advindos da ausência do trabalho com o corpo; portanto, a dimensão corporal é discutida como imprescindível no trabalho do professor de educação infantil. Para tal, trazem as contribuições de Luria e outros autores salientando que:

[...] uma orientação adequada no aspecto motor contribui para outras formas de aprendizagem, como a leitura, a escrita e o cálculo. Assim, explorar o ambiente e as diferentes possibilidades de solucionar um dado problema motor impõem desafios tanto intelectuais quanto motores à criança [...]. (p. 108).

Discutem também o papel mediador do professor, as condições ambientais que uma creche deve ter para que se favoreça o trabalho com a motricidade, o “modelo da ampolheta”, de Gallahue (1982)³ por fases de desenvolvimento motor e respectivos estágios; porém destacam que, apesar de as sequências de mudanças serem fixas, o ritmo de aquisição de competência é individual. Assim, o professor não pode deixar ao acaso o desenvolvimento perceptivo motor em crianças pequenas, mas estimulá-lo com diferentes atividades. Nesse sentido, as autoras também abordam como o docente deve agir mediante o movimento e o desenvolvimento infantil.

No sexto capítulo, intitulado *Musicaliza: a música no cotidiano escolar da Educação Infantil para crianças pequenas*, Ilza Zenker Leme Joly e Maria Carolina Leme Joly discutem a importância do ensino da música desde a mais tenra idade, apontando as contribuições para o

desenvolvimento da criança. Assim, as autoras apresentam uma série de atividades musicais que podem ser realizadas com apoio do CD que acompanha a obra. Com o título de *Musicaliza*, este CD reúne uma coletânea de 51 músicas infantis da cultura popular brasileira, sendo que, das faixas 43 até a 51, o leitor poderá ouvir gravações de sons variados, tais como: sons da cidade, orquestra afinando, chuva etc. Trata-se de uma produção de Glauber Santiago, cuja coordenação pedagógica ficou a cargo de Ilza Joly. O CD foi gravado nos estúdios da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Este capítulo faz consonância com o anterior uma vez que música e movimento são atividades inseparáveis.

Finalizando a obra, Rachel de Faria Brino apresenta-nos o capítulo intitulado *Prevenção da violência contra crianças pequenas: a atuação dos profissionais da educação*. Como dito anteriormente, tal temática vai de encontro da proposta do livro, porém, traz contribuições valiosas aos professores. A autora não discute apenas a violência contra a criança, como ela se caracteriza e como ocorre, mas também aponta caminhos para preveni-la, com o objetivo de auxiliar o professor na percepção de situações de risco.

Ao apresentar os elementos da definição sexual contra crianças, Brino ressalta que a escola e as famílias, ao permitirem a utilização de produtos de beleza em meninas pequenas como atividades “lúdicas”, suscitam a ideia de maturidade sexual, deixando-as como alvo de agressores sexuais. Não concordamos com tal afirmação, pois uma criança pequena, durante as brincadeiras de faz de conta, incorpora o papel do adulto vestindo-se e maquiando-se como eles, porém cabe aos professores pedirem que elas retirem a maquiagem assim que a brincadeira acabar, mesmo porque, enquanto brinca, a criança sabe que não é a mãe e/ou outro adulto e sim que está representando o papel deste. Privar as meninas de brincarem com maquiagens, no nosso entendimento, não é educativo, e sim explicar que este fato ocorrerá somente naquele momento, pois ainda não são adultas para tal. Essa orientação deve ser dada aos pais em momentos oportunos.

A creche, ainda tão menosprezada no meio educacional, foi discutida com muita seriedade e propriedade pelas autoras, portanto, trata-se de uma obra que traz grande contribuição aos professores de crianças peque-

ninas uma vez que apresenta práticas pedagógicas e referenciais importantes para o entendimento do trabalho na educação infantil.

Notas

- 1 BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.
- 2 SISTO, Celso. Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias. Curitiba: Positivo, 2005.
- 3 GALLAHUE, D. L. Understanding Motor Development in Children. New York: John Wiley & Sons, 1982.

